

A SABEDORIA DE JESUS E OS IOGA SIDDHAS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA



Marshall Govindan

A SABEDORIA DE JESUS E OS IOGA SIDDHAS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Marshall Govindan

Babaji's Kriya Yoga and Publications, Inc.
St Etienne de Bolton, Québec, Canadá

SUMÁRIO

PREFÁCIO de Georg Feuerstein	9
PRÓLOGO DO AUTOR	II
INTRODUÇÃO	
Questões	23
Semelhanças notáveis	26
Por que um cristão deve estudar ioga?	30
Os objetivos deste livro	32
CAPÍTULO 1	
Pesquisa histórica moderna sobre Jesus e o cristianismo inicial	35
O desenvolvimento dos sete pilares da pesquisa histórica bíblica moderna	37
Metodologia e descobertas dos modernos estudiosos bíblicos críticos	40
Foram os Evangelhos inerrantes e inspirados por Deus?	43
Dois retratos de Jesus: o mapa das relações entre os Evangelhos	45
Regras de evidência escrita	48
A tradição oral anterior aos Evangelhos e as regras de evidência oral	50
A voz distintiva de Jesus	53
O sábio não assertivo	53
CAPÍTULO 2	
Os ensinamentos paradoxais dos homens de Deus	55
O problema do paradoxo	55
O que Jesus realmente fez, de acordo com a pesquisa histórica moderna?	56
O que é loga?	57
loga como filosofia	59
Quem são os loga Siddhas?	61
O que é a literatura dos loga Siddhas?	68
Semelhanças entre Jesus e os loga Siddhas e seus ensinamentos	72
Jesus foi um Guru?	88
Devotos versus discípulos	92
Existe alguma diferença entre Jesus e os loga Siddhas?	93
Foi Jesus um loga Siddha?	94
CAPÍTULO 3	
Evangelho de Tomás: um texto gnóstico?	96
História e distinções do Evangelho de Tomás	97
O Evangelho de Tomás: um texto gnóstico?	98
O reino dos céus já está aqui	101
O coração gnóstico oculto do Evangelho de Tomás: Jesus como o iniciador dos seus mais valiosos discípulos ao conhecimento esotérico - gnosis	103
Descartando o valor da profecia e sua realização para a nossa liberdade	105
Quem sou eu?	106
Sobre a entrada no reino dos céus	108
Jesus foi um gnóstico?	109
Como uma pessoa realiza a gnosis, o conhecimento da salvação?	110

CAPÍTULO 4	
O início da Cristandade: a formação da Igreja e seus dogmas	117
Os manuscritos do Mar Morto e os essênios	113
Primeiras fontes históricas cristãs	115
Paulismo	116
Primeiras questões doutrinais	118
Docetismo	119
Ebionismo	119
Marcionitas	119
Os gnósticos	121
Os proto-ortodoxos	123
Os fatores culturais e políticos que favoreceram os proto-ortodoxos	127
A regra da fé e dos credos	129
O Evangelho de João versus os Evangelhos de Tomás, Mateus, Marcos e Lucas	130
A formação do Novo Testamento proto-ortodoxo	132
Constantino e o concílio ecumênico de Niceia	136
CAPÍTULO 5	
O que Jesus realmente disse?	138
Revertendo as inclinações humanas naturais	139
O reino dos céus	140
Entrando no reino dos céus	143
Por que Jesus diria que aqueles que são pobres, famintos, sofredores e perseguidos são abençoados?	146
Sobre a pureza	147
Sobre a preocupação e estar presente	148
Sobre a aspiração	149
Mostrando o caminho aos outros	151
A prece de Deus	154
O amor incondicional de Deus	155
O perdão dos pecados e as consequências cárnicas de nossas ações	159
Tesouro escondido	161
O bom samaritano	162
CAPÍTULO 6	
O que Jesus não disse?	165
Evangelho de João	165
As falas “Eu sou”	167
A prece de despedida	169
O fim do mundo	170
As palavras de Jesus morrendo	171
Na tumba	172
Questionando Tomás	172
Os dogmas familiares da Cristandade não podem ser rastreados até o próprio Jesus	172
O cristianismo foi fundado por Paulo	174
As consequências das substituições cristãs aos ensinamentos de Jesus	175
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	177
Notas	181
Referências bibliográficas	185
Glossário	187
Apêndice A: índice dos ditos em vermelho e em rosa do seminário de jesus (jesus seminar)	192

INTRODUÇÃO

Questões

Quem foi Jesus? Um dos seres humanos mais influentes de todos os tempos? O fundador do Cristianismo? Um messias ou salvador enviado por Deus para redimir a humanidade de seus pecados? Quais foram os Seus ensinamentos? O nosso conhecimento de Jesus se limita àquilo que está registrado na Bíblia? O que a pesquisa histórica moderna tem a dizer sobre o que Jesus fez e ensinou? Existiram outros mestres na Índia cujos ensinamentos são semelhantes aos de Jesus? Em caso afirmativo, como podem esclarecer os ensinamentos de Jesus?

Com a descoberta de diversas novas fontes documentais no Deserto do Sinai e nas proximidades do Mar Vermelho, e com o advento de métodos modernos de análise de texto desenvolvidos por pesquisadores independentes, livres de vieses institucionais, na atualidade a maior parte dos estudiosos da Bíblia concordarão que os livros bíblicos que compõem o Novo Testamento estão escritos em diferentes níveis de autenticidade:

Aqueles que provavelmente retratam as próprias palavras proferidas por Jesus, citados nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, porém registrados algumas décadas depois de sua partida;

Aqueles que provavelmente são interpolações – palavras atribuídas a Jesus de fontes desconhecidas;

Aqueles em que outras pessoas tratam do que foi dito sobre Jesus ou sobre seus ensinamentos como por exemplo, as “cartas” de Paulo, que compõem a maior parte do restante dos textos do Novo Testamento, e que serviram de base para o dogma da Igreja nos primeiros tempos.

Dentro do Cristianismo e no entendimento popular sobre Jesus e seus ensinamentos, o quanto será que tais interpolações e os dogmas da Igreja primitiva distorceram ou obscureceram os ensinamentos e as palavras próprias de Jesus? O que as próprias palavras de Jesus dizem sobre quem Jesus era e do que se tratavam seus ensinamentos? O que as próprias palavras de Jesus não dizem? As respostas a estas questões são um pré-requisito para que se possa comparar os ensinamentos de Jesus com os ensinamentos de gnósticos e outros místicos como os loga Siddhas. Tentativas anteriores,

como a de Swami Prabhavananda em *The Sermon on the Mount According to Vedanta* (O Sermão da Montanha de acordo com o Vedanta) e a de Paramahansa Yogananda em *The Second Coming of Christ* (A Segunda Vinda de Cristo), estabeleceram comparações com o dogma cristão expresso na Bíblia (versão King James), mas não consideraram o trabalho de historiadores da Bíblia que apontam uma série de imprecisões da versão inglesa da Bíblia quando comparada ao texto grego original. Eles não levam em consideração muitas descobertas trazidas à tona pela pesquisa histórica crítica moderna. Yogananda interpretou quem Jesus foi, distinguindo “Jesus” a pessoa, de “Cristo”, o estado de “consciência” que ele alcançou. A maior parte de suas interpretações se baseou em declarações supostamente feitas por Jesus, por exemplo, as declarações “Eu sou”, presentes no Evangelho de João, que a maioria dos estudiosos críticos atualmente considera serem interpolações e não propriamente palavras ditas por Jesus. O presente trabalho apresenta a comparação dos ensinamentos dos Ioga Siddhas com os ensinamentos de Jesus que são atualmente considerados os mais autênticos segundo os resultados da pesquisa histórica crítica moderna.

Outros tentaram comparar o que Jesus fez com o que outros santos, profetas e sábios fizeram. Alguns especularam com a hipótese de Jesus ter estado na Índia ou no Tíbe, onde foi iniciado em suas tradições sagradas. Holger Kersten, por exemplo, no seu livro *Jesus Viveu na Índia*⁵, agrupou vários argumentos, com base em evidências bem reduzidas, de que Jesus não apenas viajou até a Índia antes de ser crucificado, mas que retornou ao país e morreu na Caxemira. Ele conclui entretanto, que nós não sabemos realmente o que Jesus fez.

Como veremos, os estudiosos históricos modernos têm sido capazes de formar um amplo consenso sobre aquilo que Jesus ensinou, mas a história provê poucas evidências sobre aquilo que Jesus realmente fez. Não há registros sobre os chamados “anos perdidos” de Jesus, período que se dá entre o incidente ocorrido no templo de Jerusalém, quando, aos 12 anos, ele falou autoritariamente aos escribas e fariseus, e sua aparição aos 30 anos de idade, quando iniciou sua missão, no mar da Galileia. Portanto, devemos buscar outros lugares e referências para sermos capazes de entender as influências que transformaram Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré, no Messias, ou salvador do povo Judeu, e no Cristo, reverenciado por milhões de pessoas desde aqueles tempos.

5. N.T. Com tradução de Cecilia Casas, foi publicado no Brasil em 2004 pela Editora Best Seller; atualmente se encontra esgotado.

No entanto, existem outras fontes que, por comparação com aquilo que Jesus disse e ensinou e o modo como viveu, indicam claramente quais foram essas influências. Como exemplos temos os escritos dos gnósticos, descobertos em Nag Hammadi, na península do Sinai em 1945, os escritos dos essêniros judeus, descobertos em Qumram em 1948, e milhares de documentos antigos que traçam o percurso do Cristianismo inicial e que retratam suas divisões concorrentes.

Muitos estudiosos estudaram os loga Siddhas da Índia: Eliade, Briggs, Zvelebil, Ganapathy, White, Govindan, Feuerstein, em particular. O estudioso tamil Suba Annamalai produziu, em 2000, uma edição “crucial” do Tirumandiram, o trabalho mais importante dos loga Siddhas de Tamil, escrito pelo Siddha Tirumular (entre os séculos segundo a.C. e o quarto século d.C.), a partir de 13 manuscritos existentes. Uma nova tradução com comentários na língua inglesa desta edição “fundamental” do Tirumandiram está atualmente sendo preparada por uma equipe de acadêmicos liderada por Dr. T.N. Ganapathy. Mais recentemente, as pesquisas do Centro de Pesquisa loga Siddha, em Chennai, na Índia, liderado por Dr. T.N. Ganapathy, têm gerado uma série de livros que, pela primeira vez, disponibilizam a tradução e comentários sobre os loga Siddhas, ou os iogues “perfeitos” do sul da Índia, que foram contemporâneos de Jesus. Os seus ensinamentos e poderes miraculosos eram notavelmente semelhantes aos de Jesus. Isto torna possível comparações intrigantes entre os ensinamentos e milagres de Jesus e aqueles dos loga Siddhas.

Os escritos dos loga Siddhas do sul da Índia foram amplamente ignorados até recentemente. Eles não foram preservados satisfatoriamente pelas instituições ortodoxas por conta da condenação severa dos Siddhas ao sistema de castas, pela excessiva ênfase à adoração aos templos e escrituras, e pela autoridade dos Brahmins, a casta de sacerdotes, que monopolizava os assuntos religiosos na Índia.

Os escritos dos Siddhas eram feitos em linguagem vernacular do povo em vez de em sânscrito. O conhecimento do sânscrito se limitava a quem pertencia à casta dos brâmanes, cujos sacerdotes e educadores dominavam os sistemas religiosos e escolares. Os Siddhas condenavam tal monopólio dos brâmanes e ensinavam que o Senhor só poderia ser conhecido pela Jnana loga, isto é, a sabedoria que nasce do processo de autoconhecimento, meditação e outras práticas espirituais, particularmente por meio da Kundalini loga. Numerosos nas castas ortodoxas, os brâmanes reagiram queimando os escritos

dos Siddhas e os ridicularizando para denegrir sua imagem popular. Os escritos dos Siddhas foram feitos no que se chama de “linguagem do crepúsculo” que, propositadamente, procura obscurecer seu significado mais profundo, dificultando o entendimento comum, mas não o dos iniciados na ioga. Entretanto, esta grande lacuna na compreensão acadêmica dos escritos dos Siddhas recentemente tem sido preenchida por uma série de livros produzidos por uma equipe de importantes estudiosos que atuam a serviço do Centro de Pesquisa Ioga Siddha, em Chennai, na Índia. O Centro tem coletado, preservado, transcrito e iniciado a tradução de milhares de manuscritos em folha de palmeira escritos pelos loga Siddhas, que foram esquecidos em diversas bibliotecas de manuscritos do sul da Índia.

Semelhanças Notáveis

Mesmo uma comparação superficial dos ensinamentos de Jesus com aqueles dos Siddhas, realizado por qualquer pessoa familiarizada com ambos, revelaria semelhanças notáveis:

Jesus ensinou em parábolas, metáforas, paradoxos e paródias que continham ensinamentos profundos de uma forma que mesmo os ouvintes não letrados (analfabetos) poderiam entender e memorizar facilmente. Ele era um iconoclasta, que buscava mobilizar Seus ouvintes para a realização do espírito, e não apenas as regras das leis e práticas de adoração judaicas.

Os loga Siddhas ensinaram na forma de poemas, na linguagem vernacular das pessoas analfabetas, de uma maneira que pudessem facilmente entender, memorizar e relembrar. Vários níveis de significados podem ser atribuídos aos ensinamentos de ambos, Jesus e dos Siddhas. Os níveis mais profundos só podiam ser entendidos pelos iniciados, que foram ensinados por um mestre espiritual sobre como acessar a realidade interior através de práticas como a meditação e o silêncio.

Jesus condenou severamente os fariseus e os mercadores do templo, destruindo fisicamente suas tendas. Quando desafiado pelos fariseus a respeito da autoridade com que falava, ele respondeu: “Eu posso destruir este templo, e em três dias reconstruí-lo!” A Sua ressurreição da cruz comprovou a afirmação feita de que o templo real está dentro de cada um.

Os loga Siddhas também condenaram a ênfase dada à adoração do templo e de ídolos. Em nenhuma parte de qualquer um dos escritos dos loga

Siddhas se encontrará cantos populares em louvor às populares deidades hindus ou imagens de Deus. Eles ensinavam que o corpo humano é o verdadeiro templo de Deus e que somente através de um processo de purificação interna uma pessoa pode vir a conhecer o Senhor.

Nem Jesus, nem tampouco os Siddhas tiveram a intenção de criar uma nova religião. Eles ensinaram que Deus está presente no mundo. Eles ensinaram como perceber Deus a partir da autodisciplina, do autoconhecimento e através de nossa conexão com o outro.

Jesus ensinou o perdão dos pecados ou transgressões. Este ensinamento é exemplificado na parábola do filho pródigo, uma das mais importantes.

Os Siddhas ensinaram como “desapegar” das influências dos samskaras (tendências subconscientes), os quais são coletivamente referidos como karma (as consequências das ações, palavras e pensamentos). Em um nível mais profundo de entendimento, perdão e desapego podem ser considerados como sinônimos, e ambos são aspectos centrais dos ensinamentos de Jesus e de Siddhas como Patanjali.

Jesus repetidamente referia-se a si mesmo modestamente como o “filho do homem”, mas mais tarde, os escritores dos Evangelhos, e também Paulo, referiram-se a ele como “filho de Deus”.

Os Siddhas distinguiam o “self inferior”, corpo-mente-personalidade, articulados entre si pelo egoísmo (asmita), do “self superior”, consciência pura, encarnada como alma individual, mas limitado por muitas imperfeições.

Nos três Evangelhos sinóticos de Marcos, Mateus e Lucas, considerados pelos estudiosos como as partes mais autênticas do Novo Testamento, Jesus fala pouco sobre si mesmo e, quando o faz, é sempre modestamente.

Os Siddhas também pouco dizem sobre si mesmos em seus escritos. Eles falam de libertar a si mesmos da ignorância, do egoísmo e da ilusão. E assim, eles desfrutam a consciência expandida, se transformando em instrumentos do Divino para operar “milagres”.

Jesus ensinou que o Senhor, a quem se refere como Pai, não apenas existiu, mas Ele nos ama. Ele também ensinou que, para conhecê-Lo, deve-se superar o egoísmo e o apego às coisas deste mundo.

Os Siddhas também ensinaram que, a partir de um processo progressivo de autoestudo, disciplina e purificação, pode-se perceber o Senhor. Eles não temiam o Senhor. Eles O amavam. Para eles, Deus era Amor e Amor era Deus. Entregar-se ao Senhor era o caminho para a transformação progressiva. Eles

compreendiam o Senhor como Ser Absoluto, Consciência e Bem-aventurança dentro de si mesmos.

Jesus enfatizou repetidamente que “o Reino do Céu está dentro de nós”. O eixo temático norteador dos ensinamentos de Jesus contidos nos evangelhos sinóticos, assim como no Evangelho de São Tomás é “o Reino do Céu”. Já nas Epístolas de Paulo, assim como no Evangelho de João, o tema é o próprio Jesus, sua missão e sua pessoa. Observa-se que, segundo a maioria dos estudiosos respeitados, tais textos contêm apenas interpolações (declarações postas na boca de Jesus por fontes desconhecidas).

Os Siddhas repetidamente ensinavam que o Senhor seria encontrado dentro de si mesmo, como Ser Absoluto, Consciência e Bem-aventurança, e que este estado só poderia ser alcançado através do cultivo do samadhi (consciência de Deus). Isto não é uma criação da mente. É a percepção da Testemunha Divina interior e o cultivo de uma vida divina, na perspectiva dessa consciência de Deus. Eles ensinaram que, diferentemente de nossa alma, o Senhor não é afetado pelos desejos e carma. Sendo um com tudo, os Siddhas dissolveram qualquer inclinação de ser um personagem especial. Os Siddhas raramente falaram sobre sua pessoa e nunca encorajaram a adoração deles mesmos, mas sim da Realidade onipresente em cada um.

Jesus utilizou a metáfora da Luz para representar a consciência de sua verdadeira identidade: “quando o olho é simples, o corpo inteiro se torna luminoso”. (Lucas 11.34)

Os Siddhas se referiam ao Ser Supremo como a luz que permeia tudo ou como a suprema luz da graça. Eles se referiam ao Ser Supremo como Shiva Shakti (energia consciente) e ensinavam que esta podia ser percebida dentro de cada um como a sublime e divina energia luminosa kundalini, no corpo sutil.

Foi relatado que Jesus ascendeu corporalmente aos céus depois de 40 dias de sua ressureição. Durante estes 40 dias ele apareceu para seus discípulos. Tomé, duvidando disso, verificou sua natureza corpórea tocando Suas mãos. O corpo de Jesus não foi enterrado.

Os Siddhas proclamavam repetidamente a sua total entrega ao Senhor, entrega esta que incluía todas as células de seus corpos físicos e criava uma transformação geradora de imortalidade.

Jesus teria sido crucificado por oposição àqueles que governavam o templo fundado por David em Jerusalém – os sacerdotes e fariseus. Eles o viam como uma ameaça à posição privilegiada que ocupavam. Jesus procurava libertar

os judeus não dos romanos, mas de sua ignorância espiritual, do medo e da dominação dos sacerdotes. Ele os ensinava através de suas parábolas e iniciou seus discípulos no caminho para o conhecimento de Deus através do mergulho em si mesmos com as práticas esotéricas.

Os Siddhas tem sido refutados até os dias de hoje por interesses escusos do Hinduísmo, dos Brahmins, que controlam os templos e atuam como intermediários entre as pessoas comuns e os “deuses” do panteão hindu. Os Siddhas são condenados e ridicularizados como “fazedores de milagres”, faquires e outras coisas piores pelos Brahmins, movidos pelo medo do apelo popular que eles possam vir a despertar nas massas. Os Siddhas e outros adeptos da ioga iniciaram os mais qualificados estudantes em práticas esotéricas como a Kundalini loga e a meditação.

Jesus enfatizava o amor e a experiência interior ou a comunhão com Deus, em vez da lei do Antigo Testamento.

Os Siddhas rejeitavam a ênfase dada ao ritual e sacrifício ao fogo externos das escrituras Védicas; eles enfatizavam o caminho interior para o Senhor através do amor e da ioga.

Jesus realizou diversos milagres como resultado de seu poder, ou siddhis.

Assim também o fizeram os Siddhas. As pessoas comuns dissipam sua energia através dos sentidos, atraídos pelos desejos. Aquele que realiza a Presença do Senhor dentro de si, conquista acesso ilimitado ao poder e à consciência. O potencial não manifestado é conhecido como kundalini. Quando é despertado, transforma aquele que desperta em instrumento do Divino.

Jesus passou 40 dias na natureza em meditação e prece, e como resultado adquiriu grandes poderes.

Os Siddhas realizaram penitências (tapas) similares que resultavam em poderes (siddhis). Além disso, o número 40 tem significado particular na tradição da ioga para as práticas de penitência.

Ambos, Siddhas e Jesus, demonstraram grande preocupação social. Jesus deixou João Batista e retornou às áreas urbanas, permeadas de coletores de impostos e outros tipos de baixa reputação, onde encorajava movimentos contraculturais antagônicos às tradições estabelecidas.

Os Siddhas procuravam mostrar a todos o caminho do Senhor, ensinando como se comportar, a partir dos conhecimentos da ioga e de padrões de vida saudável, da medicina, e também ensinando o que deve ser evitado.

Jesus aceitou Maria Madalena com discípulo quando permitiu que

ela lavasse e untasse seus pés. Jesus iniciou seus mais valorosos discípulos, como Tomás, nos conteúdos esotéricos, que lhes possibilitaram realizar o Supremo Ser, além do Deus criador.

Os Siddhas demonstravam entrega a seus Gurus lavando, untando ou tocando seus pés. Eles iniciaram seus discípulos nas técnicas avançadas de ioga para a expansão da consciência e para aproximar os discípulos da realização do Ser.

Jesus não foi apenas um professor ou um rabino para seus discípulos, mas um homem de Deus, que permaneceu como um enigma para todos os seus discípulos diretos. Eles se esforçavam para compreender seus ensinamentos, suas parábolas, e se referiam a ele de maneiras variadas, como profeta ou Messias, o ungido que os libertaria da tirania Romana. A confusão deles levou à formação de múltiplas seitas durante os primórdios do Cristianismo, até o quarto século d.C., quando a Igreja, em aliança com o Império Romano, desejoso pela unificação do Cristianismo e do Império Romano, definiram os dogmas e crenças cristãs e declararam heréticos aqueles que não aderiram ao dogma estabelecido.

Os Siddhas eram Gurus (aquele que dissipa a escuridão) que mostravam o caminho para o Senhor, e a quem se reverenciava como divindades encarnadas. Eles exaltavam a autoridade da própria experiência interior de cada um, em vez da autoridade dos Vedas (escrituras). Por esta razão, os ortodoxos os condenavam. Os Siddhas permanecem como enigmas para a maioria dos hindus.

Neste trabalho vamos explorar e comparar estas e outras áreas, esclarecendo as perguntas “Quem foi Jesus?” e “De que forma posso melhor entender Seus ensinamentos?”

Por que um cristão deve estudar ioga?

A resposta resumida é que estudar e praticar ioga fará de um cristão um cristão melhor. Além disso, também proverá experiências espirituais valorosas, paz mental, energia e boa saúde, todos aspectos essenciais para a realização dos objetivos tanto das pessoas de fé como dos racionalistas. Assim como Buda não era um budista, Jesus não era um cristão. Budha foi certamente um iogue, que empreendeu uma jornada para encontrar a causa do sofrimento humano, e o seu remédio, através de indagações filosóficas. Quem sou eu? De onde vim e para onde vou? Por que existe o mal? O que existe além desta vida? Neste sentido, a ioga pode ser considerada como o lado prático de

todas as religiões. Não contém dogmas, nem crenças limitantes. Não é uma religião. Pode ser considerada como uma “filosofia aberta” por aceitar varias abordagens para a Verdade.

É amplamente reconhecida como um dos seis principais sistemas filosóficos da Índia. Desta forma, se enquadra perfeitamente na recomendação feita pelo Papa João Paulo II de que os cristãos estudem filosofia, incluindo as do oriente, de forma a se tornarem melhores cristãos. Sua Encíclica Papal “Fé e Razão” fornece a resposta completa à questão acima. Nela Papa João Paulo II argumenta que:

“No Ocidente assim como no Oriente, podemos traçar uma jornada pelos séculos em que a humanidade buscou a verdade e se envolver com ela de forma cada vez mais profunda. É uma jornada que se desenrola no horizonte pessoal da autoconsciência – como deveria ser: quanto mais os seres humanos conhecem a realidade e o mundo, mais passam a conhecer a si mesmos em sua unicidade, e mais pressionados são pelos questionamentos quanto ao sentido das coisas e sua existência. Este é o motivo pelo qual todos os objetos de nosso conhecimento se tornam parte de nossas vidas. O comando “Conheça a si mesmo” foi gravado no portal do templo de Delfos, como testemunha da verdade básica a ser adotada como norma mínima daqueles que buscam se destacar do resto da criação como “seres humanos”, isto é, como aqueles que “conhecem a si mesmos”.

A ioga é um meio de “conhecer a si mesmo”. Do mais grosseiro aos níveis mais sutis, a ioga nos dá meios para alcançar as sutilezas mais elevadas e mais etéreas das substâncias materiais. A ioga pode nos levar além do aprisionamento dos nossos sentidos, dos pensamentos de nossa mente, e até mesmo além da nossa consciência mais sutil para a Força-Amor que está além. A ioga examina os princípios e leis fundamentais do cosmos, o propósito e as demandas relacionadas à evolução divina. Ela examina como o princípio da graça atua na vida por meio de instrumentos físicos, por meio da mente, do sistema nervoso físico e dos órgãos vitais.

A ioga pode nos ensinar como acolher os sofrimentos de nossa vida e como superá-los. Os Siddhas não foram pessimistas nem ilusionistas. Eles enxergavam o mundo como uma combinação de divisões, escuridão, limitação, desejo, esforço, dor e esplendor, beleza e verdade. Eles reconheciam a mente como instrumento da alma que estava presa nessa mente. A perspectiva “Eu sou” é a força de poder criativo que a alma possui para elevá-la desta prisão. A profunda percepção do “Eu sou” é um meio poderoso para

nos conhecermos verdadeiramente como filhos de Deus. De acordo com os Siddhas, nós partilhamos a consciência com Deus. Mas raro é aquele que entende e absorve esta Verdade. Deus está por trás de tudo o que existe como a Testemunha Eterna. Mas esta Consciência Suprema pode se expressar em perfeição no mundo manifesto somente naquele que harmonizou integralmente a Verdade em si mesmo. Um Siddha é aquele que o fez, unindo corpo e alma em uma nova identificação com a perfeição absoluta. Isto ocorre somente depois de haver descartado toda identificação com a mente em seu estado imperfeito de manifestação e consciência física. O Siddha se submeteu a Consciência Suprema em todos os níveis, do espiritual ao físico. Jesus poderia ser identificado como um destes seres. Ele deixou a forma humana imperfeita para adentrar em uma nova Consciência e Ser.

O ioga ensina que a realidade imperfeita da existência humana só é percebida pela mente, a mente limitada do desejo, da divisão, escuridão, esforço e dor. E, para superá-la, a própria mente necessita alcançar uma aspiração psíquica na direção da perfeição que se encontra além dela mesma. A mente do homem precisa buscar unir-se a um ideal de perfeição e harmonizar-se totalmente com tal ideal. Este processo requer a completa entrega ao Supremo Ser, Consciência e Bem Aventurança.

Os objetivos deste livro

Este livro se destina aos seguintes leitores:

1. Cristãos interessados na comparação entre os ensinamentos espirituais do Oriente com os do Cristianismo.
2. Estudantes de ioga espiritual, anteriormente tratada como ioga e tantra clássicos, assim como estudantes e praticantes de meditação e outras disciplinas espirituais.
3. Estudantes sérios da Bíblia, incluindo aqueles interessados na pergunta “O que Jesus realmente ensinou, antes da formação do dogma cristão?”

Os objetivos deste livro são:

1. Demonstrar que aquilo que Jesus ensinou, como por exemplo sua parábolas e ditos, eram impressionantemente similares aos ensinamentos proferidos pelos mestres de ioga, também chamados de Siddhas.
2. Explorar as implicações deste paralelismo entre os ensinamentos para aqueles que desejam aplicá-los em suas próprias vidas, não propriamente para conhecer a Deus, mas para saber como conhecer a Deus a partir de estados elevados de consciência.
3. Mostrar como as descobertas de manuscritos antigos , e as análises conduzidas por estudiosos independentes através de métodos científicos, oferecem muitos insights aos ensinamentos originais de Jesus.
4. Demonstrar porque as “afirmações” de Jesus, que circularam oralmente durante as primeiras décadas após sua crucificação antes de serem registradas, são provavelmente as fontes mais autênticas de seus ensinamentos que temos ainda hoje. Estas se limitam a algumas dezenas de parábolas, aforismos e réplicas aguçadas, que foram repetidos nas tradições orais por duas ou três décadas antes antes de eventualmente terem sido registradas pelos anônimos escritores da Bíblia.
5. Mostrar como os ensinamentos originais de Jesus, conforme registrado nas suas “falas” e parábolas, foram obscurecidos quando o Cristianismo passou a ser definido em termos de dogmas e credos.
6. Explorar a pergunta “Quem foi Jesus?” com base nas afirmações que diversos estudiosos críticos modernos concluíram serem as mais autênticas.
7. Explorar as perguntas “Onde se encontra o Reino de Deus ” e “Como posso alcançá-lo?” com base nas afirmações que diversos estudiosos críticos modernos concluíram serem as mais autênticas.
8. Explorar a pergunta “Por que os ensinamentos de Jesus são tão contrários à natureza humana comum?”

Este livro é dirigido a estudantes dedicados da Bíblia, cristãos que estão interessados em comparar os ensinamentos espirituais do Oriente com os do Cristianismo, estudantes do loga espiritual, também conhecido como loga Clássico e *Tantra*, bem como estudantes e praticantes de meditação e outras disciplinas espirituais.

As descobertas dos antigos manuscritos e sua análise por estudiosos críticos independentes que usaram métodos científicos trazem muita inspiração sobre os ensinamentos originais de Jesus.

Os dizeres de Jesus que circularam oralmente durante as primeiras décadas depois de sua crucificação são provavelmente a fonte mais autêntica de seus ensinamentos que temos à disposição hoje. Esses dizeres estão limitados a poucas dezenas de parábolas, aforismos e respostas astutas que foram repetidos na tradição oral por duas ou três décadas antes de serem finalmente registrados pelos escritores anônimos dos Evangelhos.

Admiravelmente, o que Jesus ensinou por suas parábolas e palavras tem paralelos exatos nos ensinamentos ióguicos dos loga *Siddhas*.

Para aqueles que buscam aplicar a sabedoria dessas palavras em sua própria vida, as implicações são claras. Não busque saber sobre Deus. Em vez disso, busque conhecer a Deus por meio dos estados mais elevados de consciência.

Os objetivos deste livro, “A Sabedoria de Jesus e os loga *Siddhas*”, são:

- Mostrar como os ensinamentos originais de Jesus, como registrados em suas falas e parábolas, foram obscurecidos quando o Cristianismo foi definido em termos de dogmas e credos.
- Explorar a questão “quem foi Jesus?” com base nas afirmações que muitos estudiosos críticos modernos concluíram ser as mais autênticas.
- Explorar as questões “onde está o Reino de Deus?” e “quantos podem alcançá-lo?” com base nas afirmações que muitos estudiosos críticos modernos concluíram ser as mais autênticas.
- Explorar a questão “por que os ensinamentos de Jesus são tão contrários à natureza humana comum?”

